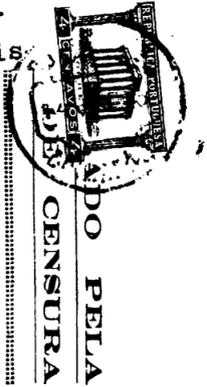


NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13.3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Editorial

Três vezes nove...

Quasi que se dão alvissaras a quem possa informar das demarches realizadas pela Comissão que, na semana finda, se deslocou a Lisboa para tratar dos assuntos referentes à Cidade e Concelho.

Um grande silêncio, silêncio de cortar à faca, caiu pesadamente sobre esta população que, de há muito, anda apeteçada de uma nova que a alvoroce e anime e desejosa de sentir no prato da balança o quinhão devido pela Justiça imanescente — a Justiça que lhe assiste de direito e razão.

Veem-se olhos aumentados pelo espanto, mede-se o perímetro das bocas entreabertas e ouvem-se cochichos de mofo e escarninho que, ditados em revange, no entanto traduzem o estado moral de um povo que sente um desejo ardentíssimo de progressividade e não pode estar à mercê da indisciplina mental de auto-didatas prenhes de nefelibatices que, na prática, são de nulo resultado e de nulos efeitos.

— O que há? O que se arranjou? ... E sempre o mesmo ambiente de dúvida, aquêle mesmo ambiente de receio que fez de um povo laborioso e bom uma comunidade cética e claudicante, uma vez que à lembrança venham aquelas palavras que a feriram como chicotada de mais fazer andar que de efeitos assustadores: «*não se deve pedir, visto serem conhecidas as necessidades do Concelho*».

E' bem verdade que a «calma» deve imperar e sobrepôr-se a todas as expansivas manifestações que uma bôa «promessa» possa provocar; não obstante, a opinião pública — que os insensatos têm por hábito desprezar — não se satisfaz com simples passeatas ou boatos lançados em jeito de balões de S. João, conhecedora como está das amostras ampliadas de todos os tempos e das perturbações que lhe trazem desalento, descaimento de ânimo e falta de alegria.

Uma coisa, porém, se classifica de imperdoável — a «caixinha» que se faz sobre as diligências abreviadas, a carência de notícias e o não cumprimento do mandato de que essa Comissão foi investida.

— Culpa? Pecado? De feito? Acostumados à familiaridade, não perdooamos a falsa posição dos «embaixadores» da Cidade e Concelho.

Humilde até à morte...

*Ser humilde, humilde, assim
Como aservas rasteirinhas...
A humildade entrou em mim
E ficou nas acções minhas...*

*Ter na braça uma sardinha,
Na arca a broa de milho...
Um craveiro à janelinha,
Um beijo doce de filho!*

*Ter uma esposa adorada
Que trate o lar com carinho...
Uma camisa lavada,
Um pichelzito de vinho...*

*Ter sempre a prova dos nove
Tirada a meus servidores...
Um quintalito com couves,
Um jardimzito com flores...*

*Eis a suprema ventura,
Eis a infinita alegria!...
Depois... ir p'ra a sepultura
Quando chegar o meu dia...*

Junho de 1936.

Delfim de Guimarães.

As miombas do Parque Mayer

O encontro com um velho amigo. — Um jantar no Suíço. — Um abade minhoto que detesta o «box». — Grandeza de alma de um sacerdote. — A nostalgia da aldeia.

O dr. J. N. quando desce de Guimarães a Lisboa, nunca deixa de me procurar, num velho hábito de antigas camaradas quando — durante a nossa passagem pela Universidade — regressávamos ou partíamos para férias.

O dr. J. N. desta vez que apertou a Lisboa, trazia na sua companhia o dr. F. L., o barão de Cantagalo e o abade de R., espírito desempeirado de clérigo culto e dado à boa camaradagem.

Desfilava um cortejo político no Rossio quando junto a mim, assistindo à passagem dos pendões municipais do país, senti uma voz, ao mesmo tempo que uma mão se me apoiava num ombro. Voltei-me e vendo o dr. J. N., caí-lhe nos braços, estreitando-nos fortemente, numa explosão de grande alegria por nos sentirmos juntos, embora só por algumas horas, após uma ausência de alguns meses. Muitas perguntas, as costumadas perguntas destes momentos, a família e os negócios, etc.

Um clérigo, a poucos passos, conversava com uma figura franzina de homem que parecia desconhecer as pedras do Rossio, tão familiares aos alfaias e aos habituais viajantes.

O dr. J. N. sempre amável apresentou-me ao reverendo no seu estilo mais alegre:

— O abade de R. em cuja casa se come admiravelmente, se bebe do melhor vinho verde do Minho, e se reposita numa quietude sauta de eremitério de província...

O companheiro do abade era o barão de Cantagalo, rapaz simpático irmão de um grande amigo meu, natural de Guimarães.

O cortejo passara e uma nova parte do programa dos festejos ia realizar-se: a parada naval.

O dr. J. N., levou-nos para uma janela do Ministério da Justiça para, mais à vontade, podermos gozar o espectáculo das forças da marinha sulcando o rio embandeiradas em arco e de guarnições formadas na tola em cumprimento ao Chefe do Estado.

O abade escolheu um lugar junto a mim e durante a passagem dos navios pediu-me esclarecimentos que me apressava a dar-lhe, elucidando-o sobre os nomes dos barcos, as suas características e mais alguns pormenores que o bom do reverendo me agradecia, depois de ter, atentamente, escutado.

O dr. F. L. trouxera a Lisboa o sacerdote; quisera mostrar-lhe as belezas da capital, os seus monumentos, o bulício das ruas, as características dos seus habitantes e a fama de primeira cidade de Portugal.

dos que tinha sido objecto da nossa conversa.

A' noite acompanhei-o ao hotel. Na capital bulhosa, o sacerdote fazia a vida da aldeia. Deitava-se às dez, após a leitura do breviário e das orações costumadas, brevemente adormecendo, como um justo.

O dia seguinte empregou-o o reverendo na visita de alguns museus e arredores. Os meus afazeres não me permitiram servir de cicerone a esse homem simpático cujas crenças estavam tão distantes das minhas, mas que eu admirava pela sua bondade e tolerância cristã. Encontrar-nos-íamos à noite, após o jantar. Dessa forma o meu novo amigo teria ocasião de ver a cidade bulhosa dos que vão para o teatro ou cinema, dos que descaem ao café a servir o digestivo e gastar umas horas em cavaqueira amena. Correríamos as ruas numa peregrinação de turistas desejosos de conhecer Lisboa. O Rossio seria o ponto de concentração.

E reünimo-nos, eu, os drs. J. N. e F. L., o barão de Cantagalo, seu irmão, o comerciante P. F. e o bonoso abade de R.

Quisemos fazer uma surpresa ao abade. O dr. J. N. apparecera acompanhado do sogro, simpático lavrador alentejano. Formaram-se dois grupos. Num, falava-se de várias coisas e no outro, eu e o reverendo, conversávamos acerca da socegada vida da aldeia em contraste com a da cidade, turbulenta e, por vezes, falsa.

De repente, o dr. J. N. lembrou:

— E se fôssemos às miombas? O abade de R., olhou-me interrogavelmente, não querendo revelar a sua preocupação, mas dizendo-me:

— Entrego-me nas suas mãos... Começamos a caminhar em direcção aos Restauradores. O abade parecia ter esquecido o destino que tínhamos traçado, mas após um ponto na nossa conversa perguntou-me:

— O que vem a ser isso de miombas?

— É uma surpresa que lhe reservamos, sr. abade! — respondi.

— Seja o que Deus quiser; má coisa não pode ser! — resignou-se o sacerdote.

Chegámos ao Parque Mayer numa ocasião em que os teatros despejavam no recinto os espectadores da primeira sessão. A' porta do «Maria Vitória» aglomerava-se o público que esperava a vez de entrar para o espectáculo. Atravessamos a multidão e percorremos aquele dedalo de ruelas onde se abrem as portas de restaurantes e tabernas, barracas de tiro ao alvo e outros divertimentos próprios de feira.

Grande cópia de gente aglomerava-se junto à pista dos automóveis liliputianos. Apreciava uma sessão de «box», estúpido espectáculo de gaiatos enfezados, esmurrando se reciprocamente. Do meio daquela multidão ululante, saiam gritos de entusiasmo quando o sangue jorrava em abundância dos narizes amaluçados. Aqueles brutos queriam sangue, sempre sangue e quando um combate terminava sem que os contendores apresentassem a cor escarlate a manchar a cara, assobiavam estridentemente.

A meu lado o padre afastava os olhos daquele espectáculo que ele considerava primitivo, estúpido. Cansado de tanta miséria, perguntou-me:

— E as miombas?

Transmiti aos companheiros os desejos do sacerdote. Eu tinha compreendido; repugnava-lhe aquele espectáculo e queria afastar-se; as miombas eram o pretexto.

Abancámos a uma mesa de um dos restaurantes do Parque e requisitámos o petisco. Quando o abade viu umas fatias de carne grelhada que

pareciam ter sido cortadas a micrómetro, sorriu. Provou a vianda e — como quem esgota o cálix da amargura — exclamou:

— Ótimo petisco, mas tem muita pimenta e o vinho de R. está longe!

Ao pronunciar o nome da freguesia que pastoreia, o abade não pôde conter um suspiro de saudade.

Era a nostalgia da sua aldeia do Miúdo, entre verduras e frescos pomares.

Oliveira Abrantes.

Da Crença popular

JUNHO FESTIVO

Neste poético e perfumado mês de Junho, em que as cigarras cantam por entre o verde frescor dos campos, dos montes e caminhos das nossas aldeias;

neste mês, de Graças abundante, em que as espigas doiradas do Trigo e do Centeio brilham ao Sol, curvadas para a Terra, como em mesura respeitosa ou triste adeus de despedida,

é que se consagram, em ruidosos e alegres festejos, os três santos que o nosso povo tanto venera, e que andam ligados, por velha tradição, à sua crença, num misto de respeito, alegria e saudade.

Em verdade, os dias 13, 24 e 29 de Junho, respectivamente consagrados a Santo António, S. João e S. Pedro, são aqueles em que a nossa gente dá mais largas à sua alegria, esquecendo as agruras da vida ao som de uma viola tangida com mestria, ou à roda de uma fogueira crepitante...

As crianças, essas então, deixam-se possuir de louco e decente entusiasmo, e é vê-las contentes e felizes, qual passarito cortando o espaço num crepúsculo primaveril, entregues à faina do amanho das cascatas, buscando musgo, arrancando hera, pedindo lenha para a fogueira e tostões para as bichas de rebusco, para os balões e pirilampos.

Estas festas, com o seu fundo pagão, trazem-nos gratas recordações, porque a elas andam ligados inocentes amores da nossa mocidade, que já se vai distanciando, e que recordando-os nos fazem reviver mortas quimeras...

Como nós lembramos, saudosamente, neste mês festivo, a nossa meninice e a nossa juventude dos 18 anos!

— Quantos sonhos lindos então alentávamos?! Quantas loucas esperanças afagávamos numa quasi certeza de as ver realizadas?!...

Mas, oh desilusão!, os sonhos passaram, ficando apenas

PÃO DE SANTO ANTÓNIO

Hoje mais do que nunca, Santo António Tem no meu coração, que o sabe amar, Um pequenino, mas florido altar, Mística flor, dum casto património.

Sempre que as negras asas do demónio Andam à volta dele a voejar, Ergo os olhos ao céu, fico a implorar Que me defenda deste mundo erróneo!

E ele que é tão amigo da pobreza, Que aceita a esmola, como aceita a prece, Quando em ambas transluz sinceridade:

Dá-me a comer o pão da sua mesa, Num milagre de amor que não esquece, Envolto na estamena da humildade!...

(Inédito)

JERÓNIMO D'ALMEIDA.

Críticas pequeninas

Dous anos são já volvidos depois que sob a epigrafe hoje ressurcida aqui fizemos referência às *Questões de Linguagem* cuja primeira parte então appareceu.

A segunda parte mimoseou-nos há meses. Onze páginas de índice remissivo mostram logo o valor do trabalho do Dr. Sá Nogueira.

No diário *O Século* e em diversas revistas tinha o Autor versado questões linguísticas candentes. Tudo agora conglobou neste precioso volume.

São por vezes revolucionários os seus critérios; mas o Filólogo apresenta sempre mais saliente a agudeza do seu raciocínio do que o prurido da sua autoridade.

Muitos dos nomes mais autorizados são chamados à tela da discussão em várias interpretações de factos da linguagem e o Dr. Rodrigo de Sá Nogueira de todos aproveita as succulentas lições que por vezes altera ou até rejeita, conforme a acuidade da sua profundidade filológica.

Os dous volumes devem figurar nas estantes de quantos se dediquem aos intrincados problemas da linguagem.

Felizmente este segundo volume não merece os reparos que ao primeiro fizemos sobre a revisão, embora não fossem tão notáveis como os da sua revista *A Lingua Portuguesa*.

Ainda bem. E' o ouro do bem composto sobre o azul do bem pensado.

G.

a estrada da vida atapetada de espinhos e de sacrificios! A-pesar-disso, quando em alguma destas festas nos achamos junto de uma fogueira, onde corações moços dão largas à sua alegria e ao seu entusiasmo, sentimo-nos outros e quasi tentados a viver, fugazmente embora, esse passado que mais e mais se distancia...

Porém, não o fazemos, porque magicamente alguém nos chama à realidade da vida que vivemos e à qual estamos fortemente enlaçados!...

Junho de 1936.

J. Gualberto de Freitas.

Altas mentalidades

De há anos a esta parte que Guimarães, tornada seara de espigas gradas, se vê assolada por uma praga de sábios de ideias curtas e gaforinas compridas, tão importuna como prejudicial.

Peor do que praga de gafanhotos, pela sua teimosia e persistência hemos de considerá-los desprovidos de senso e falhos do nível comum da inteligência, de antemão sabido que logram vegetar mercê das suas habilidades saloias e do meio ambiente que os eleva à condição de ridiculos magriscos defensores de coisas íuteis.

A estupidez indígena

Na verdade, pela falta de energia, os vimaranenses teem-se revelado de uma estupidez a tôda a prova ao consentir nas «manifestações sádias de espiritalismo e amor bairrista» provocadas pelos auto-didatas que desta terra fizeram feudo seu, que a vêm tripudiando e que, em obediência à mais elemental noção cívica, lhe cospem as mais amargas salivas da ressudação proveniente da sua esperteza pacóvia.

Outra fôra a gente, e ver-se-ia então como os indígenas saberiam premiar «a obra de cultura, de beleza e de amor regional» apresentada como índice de perfeição e de saber.

— Z'ora o Lopes!

Coreografia labroste

O corregente e criador do já célebre rancho regional, numa incomparável e bellíssima sinfonia entoada a seu modo, depois de se ter estimado em 5 colunas de prosa a reconstituir o que se passou entre a Câmara e a Associação Comercial, esfalfa-se e desunha-se em provar que a sua proposta é muito útil à terra e à grei, já pelo vivo interesse que aquêle número festivo possa despertar no futuro, já pela grande atracção de forasteiros que venha a trazer ao velho burgo, quando a sua apresentação seja feita.

Na verdade o director artístico do rancho — e que habilidade êle tem para bem se desempenhar daquelas funcnatas em que se meta —, sabe o que quer e para onde vai ao arvorar-se em *Francis* da coreografia labroste, *Francis* de carapuça e tamancos, todo ancho a dar à perna.

Porém, pena é que o público não o tome a sério, farto e refeito das suas exhibições de comediôgrafo, de musicólogo, de etnógrafo e de polí...grafo, empanurrado como anda de ouvir l'r tantas leornas sem fundamento sério ou saturado de partituras velhas e revelhas.

— Outro officio!

Será verdade?!

Das poucas notícias vindas a público sobre as deligências feitas junto de quem de direito para satisfação das aspirações cidadinas, uma se ouviu que, a têr visos de autenticidade, demonstra bem o alto grau de tacto administrativo que norteou os «embaixadores», todo o índice da sua cultura e o seu menosprezo pela opinião pública.

Trata-se nem mais nem menos da demolição dos novos Paços do Concelho!

Acredita-se lá — ninguém o acredita! — que lhes tivesse sido sugerida a ideia de se queimar assim centenas de contos de reis, demolindo um edificio que, tecnicamente, é uma riqueza architectónica, recheio preciosíssimo dos estilos dispersos pela cidade e em realidade sumptuosíssimo para o fim a que se destina?!

Que os gôzos mostrem os colmilhos a Marques da Silva, mestre insigne que o mundo culto reconheceu, vá que não vá... Todavia, permitir-se que o saber dos nossos auto-didatas, dos nossos omniscientes sábios, se emparelhe no côro com os ladrados de quem nunca conseguiu marcar coisíssima nenhuma, francamente, é imperdoável e intolerável.

— E lembrar-se a gente que as primeiras colectividades vimaranenses contam em Marques da Silva um seu amigo, pelos grandes serviços que lhes prestou, e que Guimarães lhe é credora de um grande reconhecimento pelo muito que lhe deve como architecto consciente e talentoso!...

Já se não pode ser delicado...

Já se não pode ser delicado neste país!

Pelos simples facto de ao entrar em determinado gabinete, alguém ter tido a delicadeza de mandar sentar os in-

Da Cidade

Inspecções às cadernetas militares — Junho, 28 — Abacão (S. Cristóvão e S. Tomé), Airão (Santa Maria e S. João), Aldão, Arosa, Atães, Azurém, Balazar, Barco, Briteiros (Santa Leocádia, S. Salvador e Santo Estêvão).

Julho, 5 — Oliveira, S. Paio, S. Sebastião, Infantas, Leitões, Lobeira.

Julho, 12 — Longos, Lordelo, Mascotelos, Matamá, Mesão-Frio, Moreira de Cónegos, Nespereira, Oleiros, Paraiso, Pencilo, Pinheiro, Penteciros.

Julho, 19 — Polvoreira, Prazins (Santa Eufémia e Santo Tirso), Rendufe, Ponte, Ronfe, Sande (S. Clemente, S. Lourenço, S. Martinho e Vila Nova), S. Torcato.

Julho, 26 — Brito, Caldas (S. João e S. Miguel), Caldeas, Calvos, Candeos (S. Martinho e S. Tiago), Castelões, Conde, Corvite, Costa.

Agosto, 2 — Creixomil, Donim, Fermentões, Figueiredo, Gandarela, Gondar, Gominhães, Gonça, Gondomar, Guardizela.

Agosto, 9 — Selho (S. Cristóvão, S. Jorge e S. Lourenço), Serzedelo, Serzedo, Silveiras, Souto (Santa Maria e S. Salvador), Taboadelo, Tagilde, Urgez, Vermil, Vizela (S. Faustino e S. Paio).

Ainda o crime de morte de Silveiras — Como noticiamos, no nosso último número, na madrugada da penúltima sexta-feira, num moinho do lugar da Ponte Nova, freguesia de Silveiras, deste concelho, o moleiro Bernardino Teixeira, de 20 anos de idade, assassinou, nas condições mais trágicas, um pobre e honesto manco, de nome Bernardino Alves Magalhães, de 23 anos de idade, com o fim de se apoderar de uma bicicleta e de uma quantia de que o mesmo era possuidor.

No hospital da Misericórdia, foi feita, a autópsia ao cadáver, pela qual se verificou que a morte foi provocada por oito ferimentos na cabeça e fronte, duas fracturas do crâneo com esfacelamento do cérebro.

O cadáver foi sepultado no domingo, de manhã, no cemitério Municipal, e o criminoso foi remetido na quinta-feira ao Poder Judicial.

Semana da Bondade — Corresponde ao apêlo feito pela Sociedade Protectora dos Animais, realizou-se, no passado domingo, na Escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda», uma sessão comemorativa da «Semana da Bondade», a que assistiram alguns professores e muitos alunos daquele importante estabelecimento de ensino.

Presidiu à sessão o sr. José Alves Machado, presidente da S. P. dos A., secretariado por dois alunos da mesma Escola, e foi orador o nosso querido amigo e ilustre Professor da Escola, sr. Mário Menezes, que proferiu uma brilhante conferência sobre a «Bondade», fazendo curiosíssimas e largas considerações acerca da «Semana» que naquele dia se encerrava, dizendo dos deveres dos cidadãos para com os pobres animais e as plantas. Foi muito aplaudido ao terminar a sua lição cheia de ensinamentos e de verdades.

Felicitemos, pois, aquele nosso bom amigo, e felicitemos os Professores e alunos do nosso estabelecimento técnico, pela iniciativa da realização daquela modesta mas bem significativa comemoração da «Semana da Bondade» — comemoração única que nesta cidade foi levada a efeito.

Regresso de Lisboa — Regressou de Lisboa a comissão que foi avistar-se com o sr. Presidente do Ministério, a qual, como noticiamos, se compunha de membros das Comissões Administrativas da Câmara Municipal e da União Nacional e do sr. administrador do concelho.

Governador Civil — No domingo esteve nesta cidade, s. ex.º o sr. Governador Civil, que conferenciou com o sr. Administrador do Concelho.

Excursões a Guimarães — No passado domingo, realizou-se, a anunciada excursão a Guimarães, promovida pelo grupo recreativo do Pôrto, «12 milhares», composta por algumas centenas de pessoas, que foram recebidas, na Avenida Cândido dos Reis, pela banda de música de S. José, Associações de Classe, Grupos excursionistas de Guimarães, alunos da Escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda», etc., com os seus estandartes e muito povo.

Organizou-se um cortejo que se dirigiu à sede da Associação Humanitária dos B. V., onde se realizou a sessão de boas-vindas.

Presidiu o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação das Sociedades de Recreio. Saudaram os visitantes, os srs.: José Luís de Pina, 1.º Comandante dos B. V. de Guimarães; Américo Ferreira, director do «Grupo Dramático P.º Gaspar Roriz», e João Rodrigues, presidente do Grupo «20 Arautos de D. Afonso

Henriques», agradecendo os srs. Abel Ventura e Ricardo Pascoal Ferreira, encerrando a sessão o sr. Américo Cardoso.

Seguidamente foram colocados artísticos laços nas bandeiras do grupo visitante e grupos visitados, acto que foi coroado com estrondosas salvas de palmas.

Depois os visitantes prestaram homenagem ao saudoso vimezanense Simão da Costa Guimarães, depondo um ramo de flores no seu monumento e visitaram a sede dos «20 Arautos», onde foram carinhosamente recebidos.

Os excursionistas partiram em seguida para a Penha, onde se realizou um grande e animado «pic-nic», regressando ao Pôrto às primeiras horas da noite.

Senhor dos Entrevados — Na freguesia de S. Miguel de Creixomil, realizou-se, no passado domingo, e com grande pompa, a procissão do Senhor dos Entrevados.

Orfeão de Guimarães — O segundo Sarau de Arte realizado no domingo, no Salão da V. O. T. de S. Francisco, desta cidade, teve uma assistência numerosa e distinta e decorreu com muito brilhantismo, a êle tendo assistido delegações da Junta do Bonfim e da Sociedade de «Alma Lusa», director do «Grupo Dramático União do Pôrto» e Comissão do «Grupo Regional do Bonfim», Pôrto, etc.

Tomou parte no Sarau, como fôra anunciado, a distinta concertista, ex.ª sr.ª D. Juliana Falconieri de Oliveira, que deliciou a assistência com um magnífico concerto de harpa, deixando as melhores impressões em todos aqueles que tiveram o prazer de a ouvir.

O nosso grupo coral desempenhou correctamente e sob a hábil regência do Professor Filinto Nina as composições do seu programa, conquistando novos e merecidos aplausos.

Na quarta-feira, o distinto grupo orfeônico, fêz-se ouvir no Pevidém, onde realizou, com uma assistência numerosa e selecta, mais uma admirável audição.

E o Pevidém, que sempre acompanhou com um entusiasmo invulgar os progressos da sede do Concelho, e que, para êles nunca se negou a contribuir — justiça se lhe faça e honra lhe seja — soube, como sempre, receber condignamente e aplaudir com entusiasmo, os simpáticos componentes do nosso novel orfeão.

A noite de quarta-feira deve ter encorajado os nossos orfeonistas a enfrentarem as dificuldades do dia de amanhã, para que tão belo agrupamento continue pelos anos fora a cantar, a cantar sempre, a nossa querida Terra.

Dr. José Júlio Moreira de Castro — Foi largamente concorrida a missa mandada celebrar na segunda-feira, no templo da V. O. T. de S. Francisco, pela mesa da mesma Ordem, em sufrágio da alma do sr. Dr. José Júlio Moreira de Castro, recentemente falecido em Felgueiras, cunhado dos nossos bons confratêrneos e amigos, srs.: Francisco Ribeiro Martins da Costa (Aldão) vice-ministro da mesma V. O., Dr. Luís Ribeiro Martins da Costa (Aldão) e Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

Além da mesa da V. O. T. de S. Francisco e da família do extinto, vieram-se muitas pessoas das suas relações, casas de caridade, etc.

Passeio de estudo — Os alunos da Escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda», realizam hoje o seu passeio anual de confraternização e estudo, a Aveiro, sendo acompanhados por alguns dos seus ilustres professores.

Ao Tribunal — Foi entregue ao Poder Judicial, Bernardino Teixeira, solteiro, de 20 anos, moleiro, que, como noticiamos, assassinou, no lugar da Ponte Nova, freguesia de Brito, o desventurado Bernardino Alves Magalhães.

Crime antigo — A G. N. R. capturou na freguesia de Briteiros, José Valente, cúmplice no assassinato do regedor da mesma freguesia, ocorrido há meses.

Pela Políola — António Maria, da freguesia de S. Tomé de Abacão, queixou-se à polícia contra Joaquim Leite Carneiro, da freguesia de Gémeos, por lhe ter agredido a esposa.

Feridos — Nos passados dias 8 e 10, dias feriados, Municipal e Nacional, consagrados a Gil Vicente e a Luís de Camões, as repartições públicas, estabelecimentos de ensino, Bancos, etc., estiveram encerrados.

Sufragando — Em sufrágio da alma de seu cunhado, sr. José Júlio Moreira de Castro, o estimado capitalista vimezanense, sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa, entregou a Creche da V. O. T. de S. Francisco a quantia de 1.250\$00.

Ronda da Lapinha — Realiza-se hoje, como fôra anunciado, a tradicional Ronda da Lapinha, que

a esta cidade costuma atrair muitos milhares de pessoas de todas as freguesias do concelho.

Festas a Santo António — Em alguns templos da cidade, realizam-se, hoje, solenidades em honra de Santo António.

Feira de Santo António — Realiza-se, hoje, no Pevidém, a feira anual de Santo António, que costuma ser muito concorrida.

Chá Dansante — Na Assembleia Vimezanense, realizou-se, na quinta-feira, um animado Chá Dansante, que foi abrihantado pela Orquestra Vimezanense.

Brilhante recepção ao Rev.º Arcebispo do Bioso — Imponente festividade — S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. António Bento Martins Júnior, Venerando Arcebispo de Braga, que na quinta-feira passada visitou oficialmente a primeira vez esta cidade, foi carinhosamente recebido por alguns milhares de pessoas, entre as quais se viam muitas associações religiosas com os seus estandartes, colégios, instituições de beneficência, banda das Oficinas de S. José, e muito povo que aclamou o ilustre Prelado pelas ruas da cidade, cobrindo-o de flores e saudando-o com palmas e vivas e agitando lenços brancos.

Os sinos repicaram festivamente e no espaço estrelaram-se muitos foguetes. Os prédios estavam engalanados com lindas colgaduras e bandeiras.

No Salão Nobre dos Paços do Concelho, aguardavam S. Ex.ª as pessoas representativas da cidade e foram-lhe dadas pelo sr. Presidente da C. A. as boas vindas, respondendo o ilustre visitante, num brilhante discurso e profundamente emocionado.

A S. Ex.ª foi depois oferecido num salão da Irmandade dos Santos Passos um delicioso «copo de água», realizando-se em seguida as solenidades do Corpo de Deus que decorreram com muita imponência.

A tarde, saiu a majestosa Procissão Eucarística, que percorreu as ruas da cidade, nela se incorporando muitas associações religiosas, colégios, irmandades, clero, etc., e presidindo ao religioso préstito o Senhor Arcebispo, que era acolitado pelos revs. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos e Mgr. José Maria da Silva.

A cauda das vestes prelatícias pegava o ilustre administrador do Concelho, sr. António José Pereira de Lima e pegavam as lanternas do pálio os representantes da V. O. T. de S. Francisco, Irmandades da Misericórdia, Santos Passos, Nossa Senhora da Oliveira e Confrarias do SS.ª

No largo Martins Sarmento foi dada a bênção do SS.ª, acto que teve grande imponência.

Na quarta-feira à noite uma grande parte dos prédios da cidade estiveram iluminados.

António de Freitas Soares — Este nosso querido amigo e distinto colaborador, que há bem pouco nos brindou com o seu interessante livro «Gratidão», contendo poesias publicadas no «Notícias de Guimarães», ofereceu à Liga dos Combatentes da Grande Guerra 100 exemplares daquele seu trabalho, cujo produto se destina ao Monumento que a Cidade vai erigir a seus filhos que bem mereceram da Pátria.

Delém de Guimarães e António Freitas Soares — dois poetas distintos, dois amigos do «Notícias» e de Guimarães — tiveram um gesto nobre, patriótico, simpático para todos nós que nos interessamos por Guimarães e que pelo Monumento vimos trabalhando.

Felicitemo-lo por isso.

De luto — Pelo falecimento de uma sua tia, encontra-se de luto o nosso prezado amigo, sr. António Jaime Ferreira Sampaio, estimado aspirante de Finanças neste concelho. Apresentamos-lhe as nossas condolências.

Conde de Paço Vitorino — Deu-nos ante-ontem o prazer da sua visita o ilustre titular, sr. Conde de Paço Vitorino que, com sua ex.ª esposa e filhos, esteve nesta cidade de visita ao sr. Visconde de Viamonte da Silveira.

Grandes Festejos a S. João em Santa Luzia — Dia 23 — Ao romper do dia, uma girândola de foguetes anunciará os grandes festejos, aos quais a Comissão organizadora quer emprestar o maior brilhantismo.

Ao meio dia, outra girândola anunciará a continuação dos populares e típicos festejos.

A's 22 horas, depois de percorrer as ruas da cidade, dará entrada no local a afamada Banda dos B. Voluntários de Guimarães, a qual executará o mais belo programa do seu repertório, abrihantando assim o deslumbrante e pitoresco

ARRAIAL MINHOTO com as mais deslumbrantes e feéricas iluminações, pelo apreciado ar-

tista vimezanense Bernardo Barreira. Descantes populares. Ranchos regionais. Lindo e variado Fôgo de artifício. Passeios de barco no Rio Jordão. Grande bazar de prendas, prolongando-se este arraial até altas horas.

Dia 24 — Ao romper do dia, outra girândola anunciará a continuação destes lindos e atraentes festejos.

A's 9 horas, alvorada pela distinta Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, a qual, depois de percorrer as ruas da cidade, dará entrada em Santa Luzia.

A's 10 horas, uma salva de fogo anunciará o mais encantador número do programa, dando-se início no Rio Jordão à Ceremónia do Baptismo, lindo e deslumbrante Côro de Virgens que sob a regência do Chefe da Banda dos V. de Guimarães, fará ouvir cantos alusivos ao acto.

Ao meio dia, outra salva de fogo anunciará a continuação das festas.

Durante a tarde, pitorescos passeios de barco, fogo, música, descantes populares, continuação do Grande bazar de prendas, proporcionando assim ao público, a Comissão organizadora, uma tarde bela e agradável.

A noite. Deslumbrantes e feéricas iluminações no Rio Jordão. Fôgo prêso e do ar. Descantes populares. Ranchos regionais. Passeios de barco no Rio. Grande bazar de prendas. Arraial verdadeiramente minhoto, que se prolongará até de madrugada.

Grupo Recreativo «Os Sosssegados» — Visitam-nos no dia 28 do corrente, os componentes deste grupo recreativo, da cidade do Pôrto, em número aproximado a 150, que se fazem transportar em 8 luxuosas caminhetas.

Na Penha realizam um «pic-nic», improvisando-se em seguida um baile campestre, para o que acompanha a excursão uma excelente orquestra-jazz.

Jerónimo MARTINS DA ROCHA
Antigo Magistrado
ADVOGADO

ESCRITÓRIO:
R. Mousinho da Silveira, 310-2.º
Telefone, 6033. RESIDÊNCIA:
Rua Duque da Terceira, 117
P O R T O

NOTÍCIAS PESSOAIS

A uso de águas partiu para Melgaço o nosso bom amigo, sr. José Jacinto Júnior, importante industrial e capitalista.

— Tem estado em Lisboa, a tratar de assuntos comerciais, o nosso prezado amigo, sr. Antero Henriques da Silva.

— Parte hoje para a capital o nosso bom amigo, sr. José de Oliveira.

— Tem passado bastante incomodado o nosso prezado amigo, sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

— No Hospital de Santo António, do Pôrto, foi operada com êxito, a esposa do nosso prezado amigo, sr. José Joaquim Pereira da Costa.

— Fêz anos no passado dia 6, o nosso prezado amigo, sr. João Ribeiro da Costa, a quem apresentamos os nossos parabéns.

— Foi operada, há dias, no Pôrto, com muito êxito, a esposa do nosso prezado amigo, sr. João Ribeiro Dias.

— Está muito doente uma filhinha do querido amigo, sr. António Sousa Lima.

Vejam diariamente as exposições de fatos com preços, na Filial Pimenta Machado.

DIVÓRCIO

Por sentença dêste Juizo, de 29 de Maio último, a qual transitou em julgado, foi autorizado o divórcio entre D. Emilia Augusta de Bourbon Sampaio, proprietária, actualmente moradora na Casa de Pousada, freguesia de Gondar, desta comarca, e António Zeferino Pereira da Costa, empregado na Repartição de Finanças dêste concelho e residente na rua de Val-de-Donas, desta cidade, pelos fundamentos do n.º 4 do art.º 4 do Decreto de 3 de Novembro de 1910, em acção proposta pela primeira e contestada pelo segundo, que deduziu reconvenção.

Guimarães, 11 de Junho de 1936

O chefe da 2.ª secção,
Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Orfeão de Guimarães

Por nos ter sido impossível publicar, no último número, o discurso proferido na Festa do Orfeão de Guimarães, pelo ilustre médico e escritor portuense, sr. Dr. Abílio de Mesquita, damos-lhe hoje publicidade nas nossas colunas:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Guimarães, o primeiro embaldo dêste país de saúde, vai ter, de novo, o seu Orfeão. E, no momento do seu ressurgimento, é um desconhecido que vem cumprir a velha praxe de dizer a V. Ex.ª, duma maneira simples, algumas palavras de abertura.

Outrem poderia satisfazer esta incumbência com melhor voz, amplos gestos e mais Arte.

Ao convite, porém, não me esquivéi, porque, para compensar as horas amargas da minha profissão, sinto a necessidade espiritual de uns momentos de Arte que sejam um tempo infalível para as convulsões da Vida.

E, se não fôra isto, outro motivo se erguia: — a circunstância de não destar, junto de quaisquer modalidades da vida vimezanense, um estrangeiro a esta terra; é que todos os portugueses, que o saibam ser, cabem perfeitamente e devem sentir-se bem dentro de Guimarães, a terra-mãe de Portugal, a terra-mãe de nós todos.

Aqui nasceu o primeiro grito de libertação que deu vida e forma a Portugal; aqui se cimentaram os alicerces do espantoso edifício da nossa nacionalidade.

Não me sinto, portanto, deslocado para cumprir a velha praxe — prefácio singular e desprezencioso dum sarau artístico que vai marcar a posição definitiva do Orfeão de Guimarães.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Os grupos corais são o arquivo selecto e vivo do sentir dum povo, sob a forma de canções. Nêles, palpita o coração amoroso das gentes de agora e de das gentes de outras eras que, pouco a pouco, fôram formando o pó dos caminhos, levadas pelo Tempo que não pára.

As canções são como um rasto luminoso dum Passado; iluminam o Presente na ância de viverem um Futuro.

São a expressão máxima da vida íntima, a maneira mais palpitante de comunicar aos outros, com a palavra modelada pela música, um mundo de maravilhas que se tradicionalizaram, de geração em geração.

Por elas podemos adivinhar o modo de viver de um povo, o seu estado anímico, o meio orográfico em que vive e até o clima que o bafeja. Se a vida é fácil e produtiva, os seus cantares teem a alegria estufante dum hino ao trabalho; se há tristeza na sua alma, as canções são dolentes, de sons prolongados que se infiltram em nós e nos amortecem os nervos.

Se a região é plana, extensa, a música tem a monotonia dos descampados e da solidão; mas, se os montículos se sucedem, de vegetação colorida e variada, as canções apresentam-se de ritmo saltitante, como o cantarolar das águas que descem pelas colinas.

Os cantares de à-beira-mar são a expressão melódica das fainas da pesca, umas vezes tristes como as ondas mansas, outras vezes revoltas como as horas de tempestade.

A suavidade do clima é o factor supremo da música amorosa, cheia de melodia. E, quanto mais melódico é o trecho musical, menos harmonia exige a intuição natural do povo. Talvez seja esta a principal razão de ter criado raízes, neste país de ameno clima, a canção desnação-nazalida e doentia que anda por aí parlando com o nome de Fado!

A Natureza, perfeita em todos os seus fenómenos, combinou os sons dum modo agradável para formar a música, nos mais pequenos movimentos dos seres vivos ou inanimados.

A brisa que embala, ao de leve, a folhagem descuidada; o sibilar do vento forte que nos causa arripios; o ribombar do trovão; o zumbido dos insectos; o canto das aves, infinita-

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na Filial Pimenta Machado.

FUTEBOL

Hoje, ás 15 horas, no Campo do Benlhevai, Boavista Futebol Club, de Braga, integrado de todos os seus elementos do grupo de honra contra Vitória Sport Club, reservas.

A's 17 horas, Sport Comércio e Salgueiros, contra Vitória Sport Club, 1.ª categorias.

mente variado; o sussurro da chuva; a sonoridade arrastada e imensa das ondas; a melodia suave dos rios ou o ruído estranho das correntes caudalosas — são manifestações musicais da Natureza, que nos dominam e nos encantam.

Para o Homem, foi Ela mais pródiga: deu-lhe a música e a palavra. E o Homem, apenas por intuição, combinou êsses dotes e formou as canções.

A palavra modelada pela música apareceu, portanto, sobre a Terra, como o primeiro homem. Vem dos tempos lendários.

Quem não tem escutado a história amorosa, sentimental e arripante do Orfeu, o músico lendário da antiguidade pagã?

Quando êle dedilhava a sua lira, os seres inanimados aproximavam-se, os rios suspensiam a corrente, as folhas das árvores ficavam extáticas a escutar e as feras iam mansamente para junto dêle, ouvir os seus acordes maravilhosos. Era o domínio absoluto.

Euridice, a sua noiva, morreu no dia das bodas; mordera-a uma serpente. E Orfeu, doido de amor, desceu aos Infernos para reaver a bem-amada. Ao som da sua lira, as divindades infernais enterneceram-se; libertaram a linda Euridice, sob a condição de Orfeu não olhar para ela, que seguia os seus passos, enquanto não chegasse à Terra.

Mas... o amor é imprudente; e assim Orfeu não cumpriu a condição imposta, perdendo para sempre a sua Euridice.

Passou a viver para a lembrança dêsse grande amor e para as maravilhas da sua lira. E as Bacantes, cílmentas e raivosas por não o conquistarem, mataram-no e lançaram o seu corpo em pedaços a um rio, cujas águas faziam cõro com a voz de Orfeu que ainda murmurava: — «Euridice... Euridice!...»

Orfeu é, portanto, o patrono lendário da Arte musical, sob tôdas as formas.

Ponhamos de parte a lenda e entremos na realidade.

As canções, a expressão mais bela de tristeza ou de alegria, remontam, pois, à mais antiga civilização humana.

Já nos tempos prè-históricos, os casamentos celebravam-se com a poesia mítica que, na Civilização Ocidental, passou a narrar as crenças, as superstições e tôdas as tradições guerreiras ou amorosas dos respectivos povos.

Nesses tempos remotos, as canções eram já acompanhadas por instrumentos musicais, de feitura simples, e por danças apropriadas.

O uso dos instrumentos era regulado por uma legislação eclesiástica especial; o adufe, entr nós, representa o tipo dêsses velhos instrumentos.

As danças tinham a caracteristica local e, segundo Tito Lívio, chamavam-se *Tripudia Hispanorum*; substituíram a exibir-se nas viglías dos Santos e que mais tarde foram proibidas pelo Concílio de Toledo.

Deodoro Sículo considera êsses cantares como a origem do *Hino da Guerra* e Marcial, nos seus epigramas contudentes, faz várias referências aos *Cantos Corais* que persistiram durante a Idade Média nos *Ballets* italianos, *Ballets* franceses e *Bailias* dos nossos Cancioneiros.

A melodia curta no fim dum verso que caracteriza êsses longínquos cantares, essas neumas, ainda hoje se conserva entre o povo (como no *epupo* do nosso Minho, equivalente ao *renchilido* do alto Aragão e as *Alala* galego) e teve forte incremento no fim das *Gestas Heroicas*, como na *Canção de Rolando*.

Entre essas neumas, destacam-se as *seguidilhas*, tanto ao sabor popular, que andaram em voga, acenadamente nos séculos XIV e XV. O povo cantava-as em especial junto da sepultura de Nun'Alvares Pereira, ou à porta do Convento do Carmo, sobranceiro ao Rossio, onde o Condestável um dia se recolhera, cansado do ruído das batalhas.

As *salvas*, as *serranilhas* e as *chacotas*, conservadas pelo imortal Gil Vicente, as *avovadas*, as *serenadas*, as *desgarradas* etc. são vestígios dessa importante herança de tradições que nos restabelece êsse fundo comum da Civilização Ocidental.

E' pois, a tradição que nos explica a origem das canções, primitivamente de autores anónimos e compositores ignorados, mas inspirados no amor do Ideal e no sentimentalismo colectivo.

Os instrumentos musicais, usados para acompanhar o canto, foram, com o volver do tempo e pouco a pouco, aumentando em variedade; entre nós, andaram muito em uso a *rota*, o *adufe*, o *psaltério*, a *castanheira*, a *torba* etc.

(Conclue no próximo número).

Abílio de Mesquita.

DESPORTO

(Retardada)

Vitória, 6 — A. D. Sanjoanense, 2

Foi em proporção diminuta, a assistência que ocorreu no domingo último a Benlhevai, para ver jogar o desafio Vitória-A. D. Sanjoanense na ideia que, o encontro, fosse fraco ou o valor do visitante duvidoso, e o jogo apresentado como fácil triunfo da Vitória e de pouca categoria. Houve engano em tal suposição e os que assistiram debandaram no final satisfeitos, porque, a partida agradou assim como o football desenvolvido.

O Sanjoanense mostrou valor e qualidades, soube dar boa réplica ás investidas do adversário, obrigou a Vitória a empregar-se a fundo para não ser, por descuido, um dissabor (2 a 1) que teve por bem aguilhoar o amor próprio dos locais, entusiasmar a partida, e dar ensejo a que o football praticado tivesse brilho, classe e bom desempenho — principalmente nos últimos 30 minutos da segunda parte.

O Vitória, como atrás nos referimos, teve de empregar-se a fundo obrigado pelos ataques bem urdidos dos visitantes, lépidos na resposta imediata, ás avançadas dos donos da casa. A defesa dos vimaranenses teve insano trabalho ante a insistência da linha dianteira adversária, que não eram a bem dizer incipientes na condução e delineamento das jogadas. Com a marcação desfavorável (1 a 2) Vitória animou em condições, a seguir a um momento rápido de retração, que o goal sofrido fez provocar. Depois dos 4 a 2, o jogo assentou até ao final, jogou com intuição e vontade terminando a dominar abertamente.

A partida causou "frisson", na assistência e o activo começou por um lindo goal que Vergílio soube marcar com sabedoria. A bola, conduzida em passes perfeitos e rápidos entre a linha avançada, dá azo a que Vergílio se interne por meio dos defesas a receber o passe que Clemente oportuno lhe faz, e chutar ao melhor sitio sem possível defesa da guarda-rédes. Os visitantes respondem com coragem e o empate é conseguido de parceria com a base do poste esquerdo. A bola engana Ricoca com o efeito que toma a tabelar. Os 2 a 1 appareceu sem demora em iguais circunstâncias da anterior. O poste também auxilia a entrada desta bola! Foi o décimo segundo jogador que os visitantes contaram... Esta bola é um balde de água gelada sobre os jogadores e público do Vitória. Laureta entra a substituir José Maria e dos seus pés nasce a seguir o novo empate, depois duns passes precisos que permitem a J. Jesus desmarcar-se e apontar bem, 2 a 2. No final da primeira parte o desempate é alcançado por Clemente numa barafunda em frente das rédes.

A segunda parte segue as mesmas pisadas da anterior, na vivacidade e energia, com alguma dureza á mistura, bem dispensável. Vitória alcança a quarta bola dum corner. Os locais animam, dispensam a dureza e o "fair play", imprime á partida um tom agradável que dá prazer em seguir. Nota-se o interesse mais pela bola do que pelo homem, e o jogo toma classe e beleza. A 5.ª bola é realizada por Rodrigues numa boa cabeçada depois dum não melhor ataque. O Sanjoanense cede terreno em frente dum adversário que bem inspirado tudo lhe sai bem. Duma avançada em forma, J. Jesus alcança a 6.ª e última bola da tarde.

Do Vitória nem todos cumpriram a preceito. José Maria fez mau lugar e todo o jogo do adversário foi feito sempre por o seu lado até ser substituído por Laureta. J. Jesus apagado na primeira parte melhorou depois na segunda. Jaime fraco, — desce o outro lado da encosta... depois duma temporada brilhante. Zeferino um

pouco abaixo do seu normal e Lima igualou-o.

Do Sanjoanense admiramos os dois médios extremos; o direito com bom pontapé foi a sentinela cuidadosa de Bravo, o centro sempre atrasado, mais á defesa do que ao ataque, não ajudou a linha avançada como devia. Os cinco dianteiros integrados dentro do nível da equipe, desenharam bons esquemas de jogo e foram infelizes em algumas ocasiões favoráveis. O guarda rédes, bom, e os defesas tiveram de lutar afincadamente contra os adversários que sabem fazer coisas, quando querem. O resultado talvez seja demasiado rigoroso, um 6 a 3 ou mesmo 6 a 4 daria mais justo equilíbrio á sua acção. Em sua casa deve ser team difícil de vencer.

Arbitrou a primeira parte António Neves, bem. Supriu a falta de acompanhar de perto o jogo, com a larga prática e exo-lente visão. A segunda a cargo de José Silva teve alternativas; foi rigoroso de principio a atenuar a dureza em que o jogo decorria. Foi por isso alvejado com ditos injuriosos de muito inconsciente que, entre a massa anónima da assistência, procura dar largas á sua educação de alfurja e tiveram o dom de o enervar. Da sua disposição de espirito dois erros teve na assinalação de dois off-sides aos visitantes. Depois, refez-se e o seu trabalho merece louvores.

Vitória, 6 — Leça, 2

Já não frequenta o «ground» de Benlhevai, aquele público animado e numeroso que aplaudia o seu Vitória! Perderia a emotividade, ou já o grupo não lhe merece aquele interesse e simpatia que sempre o rodeou?

Dois bons desafios o Vitória nos proporcionou com teams de valor: Sanjoanense e Leça, e nem assim foi chamariz que atraísse ao seu campo o público em número elevado, que pusesse a salvo de prejuízos a sua organização. A má classificação conseguida no campeonato distrital e da 2.ª Liga, perdura ainda e foi a causa immanente do afastamento da assistência, que afinge grandemente os dirigentes do Club.

O público, porém, não possui razões para tal. O seu afastamento é oriundo dum estado psicológico que é útil demonstrar para melhor combater e demolir.

Os frequentadores de Benlhevai foram construindo ilusões de grandeza em que os pilares do edificio constavam somente de triunfos, e legaram para segundo plano os desaires dos resultados inversos. Esqueceram que o futebol é um jogo, e portanto os seus resultados contingentes á influências e vais-vens da sorte que o mais usado não pode prever nem julgar acertadamente. O resultado dessas aéreas ilusões ante a realidade dos desaires sofridos, foram de alcance profundo e delas é que o Club hoje se ressentente.

Dá as desilusões do grande público que o levam a não frequentar os jogos agora realizados, desenganado de um poder que levanamente sonhou e que a realidade desfaz, como o sol desfaz as montanhas de gelo.

Esquece o povo do futebol, nas suas ingénuas concepções, que a invencibilidade dum «team» nunca pode existir nem o resultado de um desafio a jogar pode ser prognosticado com acerto, mesmo que entre os contendores a diferença de classe dê ensejo a pensar em vitória estrondosa. O Vitória tropeçou em Fafe no campeonato distrital e o campeão regional ia baqueando em Barcelos onde o triunfo escasso de uma bola a livrou de futuros cuidados.

Alguém vaticinaria esses resultados atendendo á diferença de classe entre os grupos? Ninguem. Os «teams» são como os individuos. Sofrem influências diversas, estranhas á sua vontade e ao seu espirito. Dias há que tudo nos corre bem, noutros dá-se o contrário, tudo nos correndo mal por

mais vontade que tenhamos em fazer bem. Porque não incluir uma equipe neste juízo, tão real como verdadeiro? O lamentável é excluí-lo dessa norma que a maioria dos frequentadores dos campos de jogos não alcança, e que a minoria não atende por preguiça mental!

Se assim fôsse, o jogo de domingo passado teria aquele público do costume, e seria-lhe então dado apreciar alguns bonitos lances que o esmaltaram. Veria o campeão da Zona B da 2.ª Liga baquear por 6 bolas a 2, diante dum adversário que lhe foi de longe superior. Assistiria a um bom trabalho de Vergílio, á infelicidade do remate de Zeferino, aos falhanços dos defesas locais, em que Jaime nos confirma o seu declínio de forma. Veria a espontânea e quente ovação com que a assistência recebeu os reservados do Vitória, vencedores gloriosos da mesma categoria do campeão do distrito e apurados por isso campeões regionais dessa classe. Concluiaria que a arbitragem de António Neves foi boa e testemunharia uma cena lamentável que prejudicou os visitantes pela pouca correcção dum jogador do seu grupo, quando o árbitro pretendia apaziguar uns atritos entre Lima e esse jogador. A's desculpas de Lima e ao intento louvável do árbitro, o jogador visitante malcriadamente saiu do campo, originando que o seu grupo jogasse somente com 10 homens até ao fim da primeira parte. Esperaria do visitante mais jogo e mais classe, em virtude da situação destacada alcançada na 2.ª Liga e daria, por fim, bem empregada a tarde de domingo último.

Almeida Ferreira.

CASA

Aluga-se completamente mobilada, com roupas ou sem roupas, nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro. Tem 7 divisões, casa de banho com água quente e fria.

Trata-se com o seu proprietário, Manuel Portugal. (123)

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO

Mês de ABRIL.

Informa esta Comissão que a Brigada da Fiscalização exerceu os seus trabalhos nos concelhos de Amarante, Arouca, Baião, Braga, Cabaceiras de Basto, Castelo de Paiva, Gondomar, Marco de Canavezes, Penafiel, Ponte do Lima, Rezende, Sinfães, Valongo, Viana do Castelo e Vila do Conde, onde visitou 146 estabelecimentos de venda de vinho verde e também 267 adegas de produtores, a fim de averiguar da existência de vinho.

No Pôrto, colheram-se 181 amostras de vinhos verdes, sendo 134 referentes aos vinhos entrados na cidade e Entrepósito de Gaia, que deram entrada no nosso Laboratório para a competente análise, e 47 de vinhos destinados á Exportação.

Em Lisboa, também se exerceu a fiscalização, tendo sido visitados 142 estabelecimentos, onde se vende vinho verde.

Por transgressões verificadas, foram levantados 99 autos e apreenderam-se 300 litros de vinho americano e 18.102 litros de vinho estrangeiro á Região.

Porto, 19 de Maio de 1936.

O Presidente da Comissão Executiva,

a) Manuel de Espregueira e Oliveira.

O Chefe da Estatística e Mov. de Vinhos,

a) José Francisco de Magalhães.

Em 21 de Outubro de 1836 foi lançada a primeira pedra da construção do seu hospital, cerimonia realizada diante de um grande concurso de titulares da terra e muito povo, por entre repiques de sinos, havendo á noite fogo de artifício, prêsos, solto ou do ar. Foram seus fundadores os dois irmãos Terceiros da mesma Ordem Custódio José Ribeiro Guimarães e José Gomes Fernandes Baptista.

De S. Francisco

O primitivo Convento desta Ordem fundado, em Guimarães, no sitio de Vila Verde foi um simples, modesto e rudimentar ascetério, instituído por Frei Gualter, hoje venerado como santo pelos vimaranenses, no regresso de uma viagem de uma romaria a S. Tiago de Compostela, em 1216, por determinação de S. Francisco de Assis, e com autorização de D. Afonso II, nono rei. Apesar de ser uma ligeira construção, ainda durou 8 anos. Porém caindo em ruínas e devido a continuadas divergências com os cônegos da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, foi demolida, não fazer-se um novo edificio, junto das muralhas, no sitio da Torre Velha, local outrora ocupado por uma albergaria ou hospital, chamado do Anjo, construção que D. Diniz também mandara derrubar mal humorado por ali se terem escondido os beligerantes, durante a guerra que lhe movera o filho, pondo-lhe um assédio.

D. João I, Mestre de Aviz, autorizou em 1400 a construção do actual edificio conventual, por uma carta, assi-

Advertisement for 'A BRASILEIRA' coffee and pastries. Features a star-shaped logo with a man drinking coffee and the text 'MELHOR CAFÉ DO BRASIL' and 'MARCA REGISTRADA'. Below the logo, it says 'A BRASILEIRA Casa especial de café do Brasil e Pastelaria' and provides the address '61, Rua de Sá da Bandeira, 91' and phone numbers '379 e 405'. It also mentions 'Vende-o em Guimarães: Francisco Joaquim de Freitas & Genro' and 'Praça D. Afonso Henriques, 70'.

Festas de Santa Catarina na PENHA, no próximo Domingo

Como temos noticiado realizou-se no próximo domingo, na encantadora Estância da Penha, grandes festejos promovidos pelos Caçadores do Concelho de Guimarães em honra de Santa Catarina, constando do seguinte programa:

Solenidades religiosas, Missa a grande instrumental, Sermão por um consagrado orador sacro e Procissão. Concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários. Grande Torneio de tiro aos pratos, inter-Clubes, com valiosos prémios, entre os quais uma artística Taça, no valor de mil escudos. Jantar de confraternização dos sócios do Club de Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães, no Grande Hotel da Penha. Cachoeira Monumental na Serra da Penha. 2 Fontes Luminosas. Fogos, Músicas, Iluminações, etc

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Éditos de 30 dias

Pelo Juizo das Execuções do concelho de Guimarães correm éditos de 30 dias citando Manuel António Simões, morador que foi na Travessa

de Camões, freguesia de S. Sebastião, desta cidade, e ausente em parte incerta, para nos dez dias immediatos aos trinta, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, satisfazer na Tesouraria da Fazenda Pública, d'este concelho, a quantia de 6.510\$00, proveniente de multa por infracção do artigo 55 do Decreto 20.282, além dos selos e custas do processo, sob pena da execução seguir seus termos.

Guimarães, 3 de Junho de 1936.

O escrivão das execuções fiscaes,

João Ferreira.

Verifiquei:

(124)

Fermosinho Macias.

Não comprem fatos sem visitarem a Filial Pimenta Machado.

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Vilas-Boas e Alvim Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS:

Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, ás quartas e sábados, das 9 ás 11 h. Em Braga: Todos os dias úteis. L. Barão S. Martinho, 78.

LEILÃO DE PENHORES

Caixa G. de Depósitos, Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular

Agência n.º 69 — GUIMARÃIS

Avizam-se os mutuários que no dia 1 do próximo mês de Julho, se procederá á venda em leilão dos penhores que cautionam os empréstimos efectuados que tenham um atraso de juros de mais de 3 meses.

A Agência receberá juros em dívida até aquela data.

Repartição da Casa de Crédito Popular, 3 de Junho de 1936.

O Director de Serviços,

(125) a) Francisco Cordeiro.

HARMONIUM

Vende-se, completamente novo, marca Lindholm, alemão, modelo actual, com as seguintes características: madeira Cacaoba, escura, 4 oitavas, 8 registos, 2 jogos e 2 joelheiras de expressão.

Absolutamente expressivo e harmonioso.

Esta redacção informa. (106)

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarães,"

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranense)

Conventos, capelas, igrejas e Casas de beneficência.

De S. Domingos

O rendimento certo — com que o convento contava — era constituído por 2.247 alqueires de trigo, 987 de milho, centeio e milho, 210 galinhas, 35 frangos, 19 frangas, 10 leitões, 98 arrátéis de marrá, 67 almudes de vinho, 18 carneiros, 4 alqueires de castanhas piladas, 2 de feijão, 14 caradas de lenha, 16 dúzias de molhos de palha painça, 3 carradas de trigo, 2 canadas de manteiga, 2 almudes de azeite, 8 varas de bragal e 139\$560 reis em dinheiro, além do capital emprestado de 9.070\$875 reis que davam o juro de 450\$390 reis, mais 12\$000 reis da cadeira de Teologia, 18\$000 reis do contrato da Irmandade de N. S. do Rosário e 11\$000 reis pelos repiques dos Terceiros.

A tudo isto acrescia ainda o rendimento provável da cerca, que era de 400 alqueires de milho e 63 almudes de vinho.

Os seus encargos pios consistiam no seguinte: 2.189 missas resadas, 59 cantadas, 61 ternos do Natal, 111 aniversários fúnebres, 466 responsórios, 9 officios de defuntos, sendo 4 a 3 lições e 6 vigílias, encargos estes que foram reduzidos em 1821 por 10 anos, ficando as missas limitadas só a 450 resadas, 42 cantadas, 1 terno do Natal e 1 offi-

cio solene. Em 1729 já estes encargos tinham sofrido redução feita pelo Geral da Ordem rev. Frei Tomaz Ripoll em consequência das bulas dos Papas Inocêncio XIII e Bento XII.

Estes religiosos recebiam mais várias mercês consignadas por D. Manuel I em 1518 e pagas pelas Casas da Índia e Mina: 15 arrátéis de pimenta, 6 de cravo, 10 de canela, 4 de gengibre e 5 de malagueta, os quais, de 1824 até á extinção do convento, nunca foram pagos. As rainhas também lhes davam 60 alqueires de trigo e 30 almudes de vinho, deduzidos dos rendimentos do reguengo da vila, doação reformada de três em três anos.

Antigamente effectuava-se, em 10 de Junho de todos os anos, uma procissão que saía desta igreja, chamada da Candeia e vulgarmente dita das Marafonas, durante a qual se distribuíam pãozinhos de milho por isso também chamada dos Pãozinhos. Nela se incorporavam os vereadores da Câmara, o Cabido, alguns fidalgos e muito povo. As pessoas que conduziam o andar gozavam de certos privilégios. Porém no dia 18 de Maio de 1866 saíam pela última vez e nunca mais se realizou.

Em 1830, era Prior do convento Frei João da Graça Salgado, natural da vila, pregador geral da Ordem; síndico Frei Manuel de Jesus Maria; procurador Frei António de Santa Leocádia Carvalho; sacristão Frei Bernardo de Nossa Senhora do Alívio.

O Frei Domingos do Rosário Silva, deste convento, era, desde 1826, o procurador dos religiosos do convento de Santa Joana, de Aveiro.

nada em Braga, a 3 de Novembro do mesmo ano, sendo a sua primeira pedra lançada pelo arcebispo da mesma cidade, D. Frei Telo, religioso da referida Ordem. Para a realização desta obra muito concorreram os fiéis do povo e as nobres famílias vimaranenses, não falando nos auxílios pecuniários com que aquêle prelado também a coadjuvou e protegen, concedendo uma Provisão, muitas indulgências a quem favorecesse tal construção. Mereceu ao dito prelado tanto empenho esta obra que foi várias vezes aquêle local assegurar-se do seu andamento.

O lançamento da primeira pedra foi uma cerimonia que revestiu grande pompa, á qual, além do bispo de Tui, D. Fernando, que se dirigia para as cortes que se reuniam na Guarda, assistiram o rev. João Fernandes, mestre-escola da sua Sé bem como o arcebispo da de Braga, rev. Domingos Esteves e o rev. D. Pedro Nunes, abade-prior de S. Torcato e outros illustres eclesiásticos que o acompanhavam.

D. Frei Telo, natural de Castela, mandou dar todos os anos 40 libras a cada convento de Guimarães. A construção do convento foi dirigida por um notável artista vimaranense que nela pôs a sua proficiencia. Em 1591 também no mesmo convento procedeu, contratado, a obras importantes nos claustros o artista vimaranense Gonçalo Lopes, casado, que também dirigiu a capela-mor da Misericórdia de Guimarães. Morava na rua da Caldeirã, hoje, Dr. Trindade Coelho.

O conjunto interior da igreja é elegante e cheio de atractivos, não só

pela sua colecção de azulejos no arco cruzeiro como pelos quadros alusivos aos vários milagres de Santo António da capela-mor e outros talvez do século XVIII.

Apesar das mutilações que a primitiva construção tem suportado através dos tempos, a sua nona portada, o arco que sustenta o côro, que é um trabalho de merecimento artistico, tecnicamente considerado e as suas capelas lateraes, tudo nos demonstra que eram grandiosas as intenções com que foi deliberada a sua construção.

A sua capela mor é na verdade digna de toda a attenção pela sua abóbada toda de pedra fina, de interessantes atavios.

Em Abril de 1794 a Câmara Municipal deu 400 mil reis para a tribuna e pavimento da dita capela mor, por deliberação tomada na sessão de 22 de Janeiro. No seu fecho exibem-se as armas da primeira duquesa de Bragança, D. Constança. Em todo o seu conjunto se manifesta a feição gótica nacional. Esta linda tribuna de talha dourada apoia-se sobre colunas, entre as quais se destacam imagens de vários santos em tamanho natural.

A igreja ostenta 7 janelas de estilo ogival e a sua sacristia é ampla, com um tecto notavelmente apainelado, com intrincados arabescos a guarnecelo, que são muito apreciáveis.

Os seus claustros são formados por um interessante conjunto de 44 colunas grandes e pequenas outras tantas. A capela de S. João, instituída pelo dr. Gonçalo Dias de Carvalho, que há nestes claustros, apresenta uma composição a fresco com uma linda fron-

taria, o qual representa a Degolação de S. João Baptista, embora algum tanto deteriorada.

Quasi nos principios da origem desta ordem, em Guimarães, por volta do ano 1258 o clero secular local mantere com seus religiosos uma renhida luta, por causa destes cobrarem metade dos direitos de funeral, sob a ameaça de censuras eclesiásticas ou penas canónicas aos testamentarios que se recusassem a pagar-lhas, recusando-se a passar-lhes caução.

Fôram feitas queixas ao Papa que não poucas diligências empregou para conseguir conciliá-los.

Estes direitos eram constituídos por legados deixados em testamento.

Junto ao melhor contiguo ao antigo convento acha-se o hospital respectivo da Venerável Ordem Terceira.

Terminando, vamos apresentar uma lista dos frades existentes, neste convento, em 1890:

Bernardo de Braga, António de Brito, Carlos Ribeiro Juqueiros, José de Lordelo Vila Real, Francisco do Pôrto Belomonte, José de S. João Labruges, Bento de Guimarães, António do Outeiro, António do Pôrto Santa Catarina, António de Santa Comba, José do Fundão Leitão, Francisco de Estarreja, Sebastião de Valença, Francisco da Covilhã, Caetano de Ruivães, Manuel de Escudeiros, Manuel do Sobrado, José de Braga Silva e Feliciano da Idanha.

(Continua.)

P.º Alberto Gonçalves.